

Dossiê - Dossier

Homenagem a Ruth Monserrat

Tribute to Ruth Monserrat

organizado por / organized by
Ana Suelly Arruda Câmara Cabral
Jorge Domingues Lopes
Lucas Barbosa de Melo
Lucivaldo Silva da Costa
Maria Cristina Macedo Alencar
Quélvia Souza Tavares
Sanderson C. Soares de Oliveira



UnB

Estudos em linguística colonial de Ruth Monserrat: um levantamento bibliográfico

Studies in colonial linguistics by Ruth Monserrat: a
bibliographical survey

Cândida Barros¹

ORCID: 0000-0002-0786-2143

DOI: 10.26512/rbla.v16i1.56736

Recebido em outubro/2024 e aceito em novembro/2024.

Resumo

O trabalho apresenta um levantamento bibliográfico dos trabalhos de Ruth Monserrat no campo da linguística colonial, enfatizando análises e trechos de traduções de diferentes gêneros discursivos (confessionários, diálogos de doutrina, cartas, orações etc.), de distintas épocas (dos séculos XVI ao XVIII), de regiões (documentos do Estado do Brasil e Estado do Grão Pará e Maranhão) e de autores (potiguaras, como capitão Simão Soares, e cosmógrafos, como André Thevet) com os quais ela vem trabalhando. Suas traduções da documentação colonial em Tupi se baseiam em gramáticas e dicionários coevos e salientam possibilidades de sentido em português, que ampliam interpretações historiográficas e antropológicas.

Palavras-chave: Ruth Monserrat; Linguística colonial; Língua Tupi; Tradução Cultural; Aymoré.

Abstract

This paper presents a bibliographical survey of Ruth Monserrat's work in the field of colonial linguistics, emphasizing analyses and excerpts from translations of different discursive genres (confessionals, doctrinal dialogues, letters, prayers, etc.) from different periods (from the 16th to the 18th centuries), regions (documents from the State of Brazil and the State of Grão Pará and Maranhão) and authors (potiguara, such as Captain Simão Soares, and cosmographers such as André Thevet) with whom she has worked. Her translations of colonial documentation in Tupi are based on colonial grammars and dictionaries and highlight possibilities of meaning

¹ Museu Emílio Goeldi (Belém). E-mail: mcandida.barros@gmail.com

in Portuguese, which broaden historiographical and anthropological interpretations.

Keywords: Ruth Monserrat; Colonial linguistics; Tupi language; Cultural translation; Aymoré.

Introdução

Uma característica do percurso em linguística indígena de Ruth Monserrat é a pluralidade de seus estudos: tradução e edição de documentos linguísticos, produção de instrumentos auxiliares para a escola indígena (ortografias e dicionários), reflexões sobre educação indígena, análises de política linguística, cursos de introdução à linguística para indígenas, descrições gramaticais de línguas como o m̃yky, estudos de linguística histórica de longa duração, análises de línguas de distintas famílias linguísticas (isoladas, Tupi-guarani, macro-jê, aruak etc).

Diante dessa pluralidade de práticas em linguística indígena de Ruth Monserrat (doravante Ruth), me restringirei àquela na qual tenho aprendido com ela, que é a da linguística colonial, que abrange tanto fontes missionárias como indígenas, datadas entre os séculos XVI e XVIII. Foi a partir do diálogo e aprendizado com Ruth que ultrapassei a análise da política linguística missionária de standardização, com base apenas em paratextos, para inserir na análise os dados linguísticos dessas mesmas fontes.

No campo da linguística colonial, a característica da prática de Ruth é sua capacidade de diálogo interdisciplinar, o que se evidencia pelos seus parceiros de diferentes áreas com os quais ela é capaz de estabelecer pontes como coautores. Eles são linguistas, historiadores, antropólogos, biólogos, musicólogos, estudiosos de poesia latina, sociolinguistas². Além deles, Ruth participou e participa de dois coletivos de linguística colonial. Um foi o projeto LANGAS, coordenado por Capucine Boidin entre 2011 e 2016³. O outro, vigente desde de 2020 é o grupo “Estudios comparativos de textos en lenguas indígenas: linguística (histórica), traducción de cultura(s) y contextos culturales”, coordenado por Sabine Dedenbach-Salazar Sáenz⁴.

² Ana Paula Silva (UFRRJ), António Ruiz Castellanos (Universidad de Cádiz), Aryon Rodrigues⁺ (UNB), Bartira Barbosa (UFPE), Bruno Miranda (UFRPE), Cândida Barros (Museu Goeldi), Capucine Boidin (Université Paris III - Sorbonne Nouvelle), Charlotte Emmerich (Museu Nacional), Fernando Lacerda (UFPA), Gabriel Prudente (UFPA–SEMEC Belém), Jaqueline Mota (SEDUC-Pará), Jean-Claude Muller (Conselheiro do Governo do Luxemburgo), Karl Arenz (UFPA), Nelson Papavero (Museu de Zoologia/USP), Roland Schmidt-Riese (University of Eichstätt-Ingolstadt), Wolf Dietrich (Universität Münster).

³ <https://langas.cnrs.fr/#/description#tup>

⁴ <https://www.translatingchristianities.stir.ac.uk/grupo-de-investigacion/>

Na primeira parte desse artigo são apresentados alguns gêneros discursivos com os quais Ruth têm trabalhado e na segunda parte segue um levantamento de publicações e apresentações na área da linguística colonial de Ruth, organizados cronologicamente.

1. Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Notas linguísticas (1975)

Um dos trabalhos de Ruth com interesse para o campo da linguística colonial foi em parceria com Charlotte Emmerich, na década de 1970, em relação à família Macro-Jê. A pesquisa envolveu trabalho de campo em Itambacuri (Minas Gerais) com os três últimos lembrantes da língua botocudo, mas também extensa consulta às fontes históricas e linguísticas do acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. As autoras levantaram glotônimos e etnônimos para aymoré, kren e botocudo nas fontes coloniais. Na apreciação do antropólogo Júlio Melatti, o artigo oferece uma importante sistematização das denominações étnicas nas fontes históricas:

O trabalho de Charlotte Emmerich e Ruth Monserrat (1975) é de grande interesse por tentar realizar uma sistematização das denominações étnicas que pairam confusamente sobre essa área. Elas mostram que os indígenas que enfrentavam os europeus a partir de meados do século XVI desde mais ou menos o vale do rio das Contas até o Jequitinhonha eram a princípio conhecidos como Aymorés. Os chamados crens ou gueréns eram tidos como relacionados aos aimorés. No século XVII, as fontes passam a considerar cren (ou guerén) e aimoré como sinônimos. Em meados do século o uso do termo aimoré torna-se raro, mas continuam as referências aos crens. Elas começam a desaparecer em meados do século XVIII, com o deslocamento das hostilidades da Bahia para Minas Gerais, e surge a denominação botocudo, agora ao sul do Jequitinhonha. As autoras apontam alguns indícios, uma vez que os dados linguísticos referentes aos aimorés ou crens são ralos e precários, que permitiriam supor um vínculo entre as línguas dos botocudos, aimorés e crens (Melatti 2016:2)

2. Decifrando Tupi por meio de ortografias de diferentes línguas europeias (2015)

Uma das dificuldades de trabalho com as fontes linguísticas coloniais é a variedade de ortografias Tupi, na passagem da oralidade para a escrita. Elas foram estabelecidas a partir dos recursos ortográficos das línguas daqueles que fizeram o registro. Aryon Rodrigues, em sua tese de doutorado em 1958, delineou uma fonologia Tupi decifrando os diferentes recursos ortográficos

usados nos registros coloniais. Ruth deu continuidade a esse processo na análise e na edição das fontes linguísticas coloniais. Esse procedimento é necessário tanto para propor comparações textuais como para identificar a origem dos dados linguísticos. Um exemplo do procedimento é o que Ruth fez conjuntamente com o zoólogo Nelson Papavero em um artigo, do ano de 2015, sobre a segunda edição do livro *Arcano del Mare*, do inglês Robert Dudley, de 1661, que incluía um vocabulário Tupinambá.

Os autores do artigo de 2015 identificaram que os dados linguísticos foram retirados do Colóquio de Jean de Léry de 1578 (1961), porém com alterações ortográficas em relação àquelas usadas pelo francês, introduzidas pela mediação do impressor de 1661. No conjunto das fontes Tupi analisadas por Ruth, seus escribas são de diferentes línguas (português, francês, alemão, inglês etc.) e usaram de diferente leque de recursos ortográficos.

3. Um novo antigo documento da língua geral paulista (2001)

Durante uma pesquisa no acervo da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, Ruth encontrou um fólio em que os dados Tupi não eram compatíveis com aqueles registrados por Anchieta, no século XVI, nem com os da Amazônia, no século XVIII. Trabalhando em parceria com Aryon Rodrigues, os dois identificaram no manuscrito um raro e inédito registro da Língua Geral Paulista, possivelmente do século XVIII. As conclusões foram apresentadas na palestra de encerramento do II Colóquio sobre línguas gerais, na UFRJ, organizado por Maria Carlota Rosa, Consuelo Alfaro e José Bessa Freire em 2001.

4. Uma arenga de Itapucu, um diplomata indígena na corte francesa (2011)

A dissertação de mestrado *Narradores Tupinambá e Etnosaberes nas crônicas francesas do Rio de Janeiro (1555-78) e do Maranhão (1612-15)* de Ana Paula Silva (PPGMS/UNIRIO), sob orientação de José Bessa Freire, teve a participação de Ruth como coorientadora e como tradutora dos textos em Tupi.

5. O Tupi do século XVIII na Amazônia (2003, 2007)

Em 2003, Ruth publicou “O Tupi do século XVIII (Tupi médio)” em um livro com participação de especialistas do campo da linguística colonial, obra organizada por José Bessa Freire e Maria Carlota Rosa. O artigo de 2003 elenca mudanças linguísticas no Tupi na Amazônia no século XVIII em relação ao século XVI. Esse trabalho teve um novo desenvolvimento em 2007. Ambos os artigos têm sido instrumentos auxiliares para análise das fontes setecentistas missionárias da Amazônia colonial.

6. Análise e tradução de documentos jesuíticos

6.1 Orações em Tupi impressas por André Thevet (2020, 2022, 2024)

Nos estudos sobre as orações do cosmógrafo francês André Thevet, impressas em 1575, as traduções de Ruth permitiram confirmar a hipótese do linguista Jurn Philipson sobre a autoria jesuítica desses textos (*apud* Lussagnet 1953:94), permitindo identificar as primeiras experimentações de tradução jesuítica para o Tupi de conceitos cristãos, que foram suprimidas posteriormente do catecismo jesuítico impresso em 1618 (Araújo 1952). O procedimento para verificar a hipótese de Philipson foi a comparação das orações com a versão das mesmas em um catecismo reconhecidamente jesuítico, um manuscrito anterior a 1591, que faz parte dos acervos da Biblioteca de Oxford.

A análise de *Simbole des Apostres* (correspondente ao Credo) em Thevet (1575) surgiu a partir de um convite para participar de uma publicação interdisciplinar sobre a França Antártica, organizada por Maria Beraba, Renato Menezes e Sheila Hue (2020).

Uma segunda incursão aos textos Tupi de Thevet deu-se a partir de um convite de Sabine Dedenbach-Salazar Sáenz, em 2022, para que, em um coletivo de linguistas⁵, se analisasse a tradução cultural do Pai Nosso em diferentes línguas indígenas americanas. De novo André Thevet foi escolhido e comparada a sua versão da oração com a do manuscrito jesuítico anterior ao ano de 1591. O trabalho foi apresentado no colóquio *El Padre-nuestro. Una mirada etnolingüística sobre sus traducciones a algunas lenguas indígenas de Latinoamérica*, organizado por María Alejandra Regúnaga, Sabine Dedenbach-Salazar Sáenz e Christian Tauchner, em 2022.

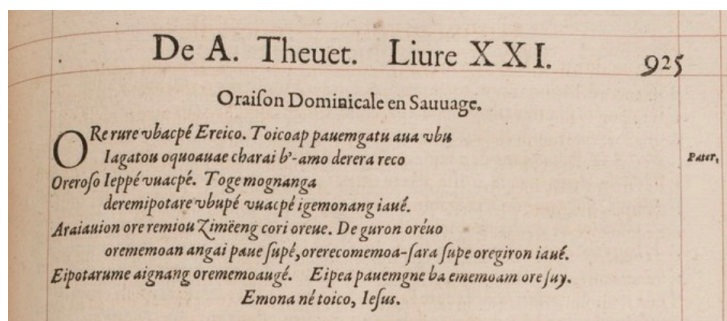
Uma terceira incursão ao texto de Thevet foi realizada a convite de Capucine Boidin, que propôs superar os limites “Tupi” e “Guarani” e analisar conjuntamente o processo de composição da oração do Pai Nosso com os recursos linguístico-semânticos Tupi/Guarani. O trabalho foi publicado em um dossiê organizado pelo historiador Fabien Simon (2024) sobre a oração do Pai Nosso como instrumento linguístico e objeto de saber entre os séculos XVI e XIX.

Uma quarta incursão às orações publicadas por André Thevet está em processo de elaboração em uma pesquisa coletiva do grupo *Estudios comparativos de textos en lenguas indígenas: lingüística (histórica), traducción de cultura(s) y contextos culturales*, com o enfoque temático

⁵ Cristina Monzón (Colegio de Michoacán), Rosa Yáñez Rosales (Universidad de Guadalajara), Roxana Sarion (Seminario de Estudios sobre el Renacimiento, Universitat Autònoma de Barcelona), Juan Manuel González Breard, Instituto de Investigaciones Geohistóricas, IIGHI-UNNE CONICET, Chaco).

sobre o conceito de virgindade e dos métodos de tradução usados no corpus missionário do período colonial.

André Thevet, 1575



6.2 Confessionários (Monserrat 2006, 2008, 2009, 2011, 2018)

Os confessionários são textos elaborados por uma série de perguntas que o missionário deve direcionar ao penitente, falante de Tupi. As perguntas estão sempre organizadas ao redor dos dez mandamentos da lei de Deus. Ruth analisou e traduziu dois desses mandamentos. Um deles foi o sexto mandamento, contra a luxúria (Monserrat 2006, 2008, 2009 e 2011) conjuntamente com Barros e Mota. A ênfase nesses trabalhos foi a configuração missionária de identidades sociais (mulher casada, homens “traveços”) através do teor das perguntas.

O outro mandamento abordado foi o primeiro (Monserrat 2018), a partir do convite de Sabine Dedenbach-Salazar Sáenz. O trabalho sobre esse tema teológico apontou para o caráter semântico polivalente do léxico usado, a exemplo do extenso uso do termo *caraiba*, que nas primeiras fontes se referia ao feiticeiro e foi usado pelo texto jesuítico com o sentido de sagrado, cristão.

6.3 Um catecismo de inflexão da evangelização jesuítica: doutrina traduzida para a “língua vulgar” (Monserrat 2012, 2016, 2017, 2018, 2019)

O manuscrito em Tupi e latim *Doutrina christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composto pelo P. Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa g[eral] irregular, e vulgar uzada nestes tempos* (Biblioteca da Universidade de Coimbra) tem grande interesse historiográfico e sociolinguístico. Nesse documento, o jesuíta do século XVIII na Amazônia propõe um processo de vernacularização do discurso cristão em Tupi. Ou seja, de alteração dos termos do discurso impresso de Araújo e Leam, em 1686, com vistas à sua adequação à língua usada pelos

indígenas missionados nas aldeias. Um dos trabalhos publicados sobre esse catecismo foi a edição do capítulo sobre o sinal da cruz. Esse trabalho reuniu além da Ruth, um grupo de parceiros: Karl Arenz, Gabriel Prudente, Cândida Barros.

Com Barros e Schmidt-Riese, Ruth analisou o uso pragmático da pontuação de parênteses (2017). Em colaboração com Antônio Ruiz Castellanos, responsável da tradução do latim, se iniciou a edição do capítulo sobre o juízo final. A seguir um trecho interessante, em que mostra que na conjuntura da política pombalina, no século XVIII, há um retorno ao tema do Anti-Cristo, que havia sido suprimido da segunda versão do catecismo Tupi impresso (Araújo e Leam 1686):

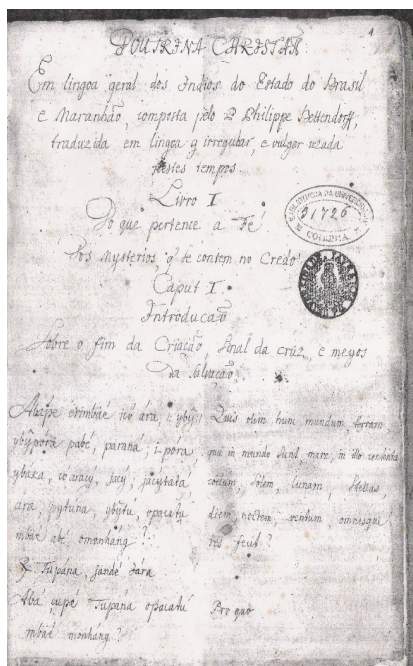
P Mbäébé omombëü Tupána ybý canhém pábaerama jecuapába renondê-cába?

P. O que mais Deus afirmou que acontecerá como indicio antes da destruição total da terra?

R. Oúr irã abá angaipábeté, Antixto [Christo] jába; äé onhemöabáeté recé potár abá rerobiaráma cecé; ixé racópé Tupána, pepycyrôçára ixé, xto [Christo] ixé, ëi tenheté abá çupé. (Anônimo 175-^a:33)

R. Virá um homem muito pecador, chamado Anticristo, querendo ser muito respeitado e que as pessoas confiem nele; “eu na verdade sou esse Deus, vosso salvador, sou Cristo, ele disse[.] Tenham cuidado com ele” (tradução de Ruth Monserrat)

Doutrina christaã, Anônimo 175-^a



6.4 Música sacra: construindo um diálogo entre a tonicidade Tupi e a composição musical em *Dies Irae* (2024)

Uns dos diálogos interdisciplinares mais instigantes que Ruth tem desenvolvido é com historiadores de música sacra, como Fernando Lacerda (UFPA), e com especialistas da poética latina, como António Ruiz Castellanos. Com ambos, o trabalho gira em torno da composição musical medieval *Dies Irae*, traduzido para língua geral como *Do Dia Final* no códice *Prosódia* (Anônimo 175-^b)

Com Fernando Lacerda o diálogo envolveu uma proposta de reconstrução criativa da musicalidade de *Dies Irae* com base no conhecimento da tonicidade Tupi. Em uma apresentação no Museu Goeldi, Fernando Lacerda levou a plateia a cantar uma atualização musical da proposta apresentada pelo compositor da canção, em que este afirmava que “imitava” *Dies Irae* (Lacerda, Monserrat, Barros 2024). A opção por uma reconstrução criativa do “Dies Illa” se baseou na gênese gregoriana, ou seja, no cantochão silábico que reveste o texto.

Prosódia musical

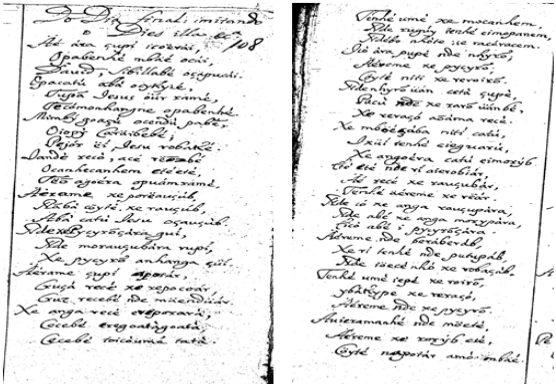
• Acentuação em tupi

Áé á-ra çu-pl i-coê-rái,
Opábenhé mbâé ocái,
David, Sibillabé oçapucái.

• Acentuação em latim

Di-es I-rae Di-es II-la
Sol-vet sae-cu-lum in fa-vil-la
Tes-te Da-vid cum Si-by-l-a

O diálogo com a literatura clássica latina está sendo elaborado em parceria com com António Ruiz Castellanos. Em 2022, Ruiz apresentou “*El texto latino y el texto Tupi del dies irae*” com algumas questões a serem comparadas na *Primer Congreso sobre Territorios, cultura y lenguas indígenas*, organizadas pela Universidad de Cádiz. O tema ainda está em desenvolvimento entre Ruth e Antonio Ruiz.



Do Dia Final imitando o Dies Illa etc.

6.5 A Língua Geral como código secreto de comunicação entre jesuítas (2014)

Ao ser encarcerado em 1759 pela administração pombalina em Lisboa, o jesuíta Anselm Eckart levava consigo um documento que foi apreendido e registrado como “memória em língua tapuia”. Porém, a tradução de Ruth desvendou a estrutura discursiva de uma carta escrita em Tupi e dirigida a outro jesuíta preso, no caso Eckart.

O Tupi foi usado como código secreto entre jesuítas vindos da Amazônia e algumas palavras em português foram manipuladas para não serem reconhecidas pelos funcionários pombalinos. Um exemplo abaixo da tradução de um trecho do documento, como comunicação cifrada, não apenas pelo uso do Tupi mas por termos em português (abaixo em negrito), em que o remetente informa ao destinatário a movimentação dos jesuítas presos em Portugal nos primeiros dias de novembro de 1759:

[4]Nitiu oçou **Lecogio** ([LING. CIFR.= colégio]) *pupè imuetà puri, mas Lotesca* ([LING. CIFR.= castelo]) *pupé:[5] çaganbra çui* [LING. CIFR.=Bragança] *goara oçaçau bagar* [LING. CIFR = Braga] *robakè rupi amó coicé.*

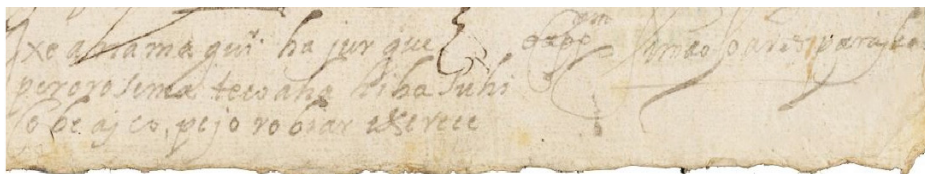
[4] Não foram ao **Colégio**, para junto de seus companheiros, [5] mas para o **Castelo**: os de **Bragança** passaram por **Braga** anteontem. (Monserrat e Barros 2014)

7. Cartas potiguaras (2020, 2021, 2023)

Seis cartas, escritas por potiguaras pró-portugueses e endereçadas a parentes pró-holandeses no contexto da guerra luso holandesa, estão guardadas no Arquivo Nacional de Haia. Cópia desse material foi generosamente cedida por Bartira Barbosa (UFPE). O trabalho de exegese linguística e tradução dessas fontes por parte de Ruth orientou-se no sentido de manter um diálogo com questões tanto historiográficas como pragmáticas.

O diálogo com historiadores foi propiciado por Bartira Barbosa (UFPE) e Bruno Miranda (UFRPE). O enfoque pragmático está em curso com Schmidt-Riese e Barros, com a atenção voltada ao uso do discurso citado direto nas cartas com função de intriga política (o que os moradores dizem, o que os parentes potiguaras dizem a respeito dos destinatários). Entre os resultados publicados referentes às cartas potiguaras estão: “- chamar atenção para o texto do remetente capitão Simão Soares, autor até aqui negligenciado entre os nomes de potiguaras letrados” (Monserrat, Barros e Barbosa 2020).

**Texto de Simão Soares como post-scriptum a uma carta de Felipe Camarão,
agosto de 1645**



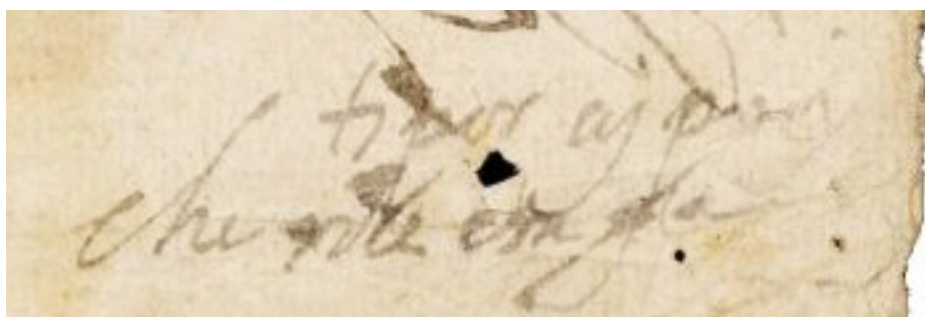
*ixe anama gui hajur gue
pererosema teco aha hiba suhi
Cobe ajco, pejerobiar ixe rece*

Eu sou parente, oh vós! eu vim, oh vós!

para vos tirar da vida de gente ruim.

Eis-me aqui, confiai em mim

Capp^{am} Simão Soares parayba (trad.RM)



*Tipor ajpo gui
Che nheenga.
Que se cumpra isto, oh vós!
É a minha fala /palavra*

- enfatizar a troca de correspondência como indício de autonomia política dos potiguaras em relação aos europeus, seguindo indicações do historiador Bruno Miranda, especialista na guerra luso-holandesa (2021).

- analisar pragmaticamente o uso dos pronomes de primeira pessoa do plural exclusivo e inclusivo e dos termos de parentesco no processo discursivo de aproximar e ameaçar os destinatários inimigos (2023).

8. Bibliografia em linguística colonial de Ruth Monserrat

- Emmerich, Charlotte e Monserrat, Ruth. 1975 Sobre os Aimorés, Krens e Botocudos. Notas linguísticas. *Boletim do Museu do Índio. Série Antropologia*. N.3, outubro, p.5-44.
- Rodrigues, Aryon e Monserrat, Ruth. 2001. Um novo antigo documento da língua geral paulista (palestra de encerramento do *II Colóquio sobre Línguas Gerais na UFRJ*, organizado por Maria Carlota Rosa, Consuelo Alfaro, José Bessa Freire) .
- Monserrat, Ruth. 2003. O Tupi do século XVIII (Tupi médio). In: José Ribamar Bessa Freire; Maria Carlota Rosa. (Orgs.). *Línguas Gerais: Política Linguística e Catequese na América do Sul no Período Colonial*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, p. 185-194.
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth; Mota, Jaqueline. 2006. Perguntas ao índio a respeito da castidade cristã: o Sexto Mandamento de Deus em um confessionário Tupi da Amazônia de 1751. In: Usos de Passado. *XII Encontro Regional de História*, Niterói.
- Monserrat, Ruth. 2007. Observações sobre a fonologia da língua geral amazônica nos três últimos séculos. In Barros, Cândida; Lessa, Antônio. L. S. (Org.) . *Edição e Análise do “Dicionário da Língua geral do Brasil. Escrito na Cidade do Pará. Anno de 1771”*. Belém: Editora da UFPA/ Forum Landi.
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth; Mota, Jaqueline. 2008. Diferenças entre dois confessionários jesuíticos em Tupi em relação à forma de traduzir os pecados da carne (séculos XVI e XVIII). In: *XXVI Reunião Brasileira de Antropologia*, Porto Seguro. Anais da XXVI Reunião Brasileira de Antropologia.
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth; Mota, Jaqueline. 2009. A formação da categoria de “mulher casada” pelas perguntas dos confessionários Tupi (século XVI-XVII). In: VII Reunión de Antropologia del Mercosur. *Anais VII Reunión de Antropologia del Mercosur*. Buenos Aires.
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth; Mota, Jaqueline. 2009. Uma proposta de tradução do sexto mandamento de Deus em um confessionário Tupi da Amazônia de 1751. *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 13, p. 160-176.
- Monserrat, Ruth; Barros, Cândida; Mota, Jaqueline. 2009. A ‘mulher casada’ nos confessionários Tupi (século XVI-XVII). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 1, p. 269-282.

- Monserrat, Ruth; Barros, Cândida; Mota, Jaqueline. 2010. Comparação entre dois diálogos de doutrina Tupi; Filipe Bettendorff (1687) e José Vidigal (1740). In: XII Jornadas Internacionais Missões Jesuíticas, 2010, Dourado. *Anais XII Jornadas Internacionais Missões Jesuíticas*. Dourado: Universidade Federal Grande Dourado.
- Monserrat, Ruth; Barros, Cândida; Mota, Jaqueline. 2011. O índio ‘traveço’ em um confessionário jesuítico Tupi de 1686. *Tellus* (UCDB), v. 20, p. 257-270.
- Silva, Ana. Paula. 2011. *Narradores Tupinambá e Etnosaberes nas crônicas francesas do Rio de Janeiro (1555-78) e do Maranhão (1612-15)*. Rio de Janeiro, PPGMS/UNIRIO (Dissertação de mestrado, orientador José Bessa Freire e coorientadora e tradutora dos textos em Tupi Ruth Monserrat)
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth. 2012. Notas sobre um catecismo manuscrito na língua geral “vulgar” da Amazônia (século XVIII). In: Alfaro, Consuelo; Rosa, Maria Carlota; Bessa Freire, José. (Orgs.). *Políticas de línguas no novo mundo*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ. p. 127-148.
- Monserrat, Ruth; Barros, Cândida. 2014. A Língua Geral como código secreto de comunicação entre jesuítas. *Delta. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada* (PUCSP), v. 30, p. 623-643. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/delta/a/93zLJMNC9zj58CCrhFW7cjp/?format=html#>>
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth; Prudente, Gabriel. 2014. O ‘ocapora’ em listas de repartição de índios e nas fontes de língua geral na Amazônia no século XVIII: um vassalo indígena?. *Tellus* (UCDB), v. 26, p. 49-74.
- Monserrat, Ruth. 2015. Marcas de escrita de falante alemão no dicionário de Trier. In Arenz, K. H.; Barros, Cândida; Dietrich, Wolf; Monserrat, Ruth; Muller, Jean-Claude; Prudente, Gabriel. *Extrato de um dicionário jesuítico em língua geral*. 2015. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional Digital. Série Dossiê. Disponível em: <<https://bndigital.bn.gov.br/dossies/extrato-de-um-dicionario-jesuítico-de-1756-em-língua-geral/appendice/marcas-de-escrita-de-falante-alemao-no-dicionario-de-trier/>>
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth. 2015. Fontes manuscritas sobre a língua geral da Amazônia escritas por jesuítas “tapuitinga” (século XVIII). *Confluência*, v. 1, p. 236-254.
- Papavero, Nelson; Monserrat, Ruth. 2015. O Vocabulário Tupinambá do Arcano del mare de Sir Robert Dudley (1661). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 7, p. 171-224, 2015.
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth. 2016. Uma proposta de vernacularização da tradição discursiva jesuítica na língua geral da Amazônia em um catecismo

- manuscrito no século XVIII. In: Dedenbach-Salazar Sáenz, Sabine. (Org.). *La transmisión de conceptos cristianos a las lenguas amerindias. Estudios sobre textos y contextos de la época colonial*. Academia Verlag- Anthropos Institut, p. 269–288.
- Montserrat, Ruth; Barros, Cândida; Schmidt-Riese, Roland. 2017. Usos discursivos dos parênteses em um catecismo jesuítico na língua geral da Amazônia ([175-]). *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, p. 85.
- Muller, Jean-Claude; Dietrich, Wolf; Montserrat, Ruth; Barros, Cândida; Arenz, Karl-Heinz e Prudente, Gabriel. (Orgs.). 2018. *Dicionário da língua geral amazônica*. Belém/ Postdam: Museu Emílio Goeldi/ Universidade de Postdam.
- Montserrat, Ruth; Barros, Cândida; Arenz, Karl-Heinz; Prudente, Gabriel. 2018. O Sinal da cruz em um catecismo na língua geral da Amazônia [175-]. *Antiguos Jesuitas em Iberoamérica*, v. 6, p. 1-22.
- Montserrat, Ruth; Barros, Cândida. Primeiro Mandamento da Lei de Deus em confessionário Tupi. *Indiana* (Berlin), v. 35, p. 89-117, 2018.(dossier organizado por Sabine Dedenbach-Salazar Sáenz).
- Barros, Cândida; Montserrat, Ruth. 2019. Dilemas da evangelização em Tupi na Amazônia na primeira metade do século XVIII: vernacularizar ou manter a tradição textual jesuítica?. In: Rodolfo Cerrón-Palomino, Álvaro Ezcurra Rivero, Otto Zwartjes. (Org.). *Lingüística misionera: aspectos lingüísticos, discursivos, filológicos y pedagógicos*. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial, p. 173-193.
- Montserrat, Ruth; Barros, Cândida. 2020. Hipóteses sobre a origem e forma de transmissão das orações Tupi de André Thevet (1575/1586): o caso de Le Simbole des Apostres. In: Beraba, Maria; Menezes, Renato; Hue, Sheila. (Org.). *França Antártica. Estudos Interdisciplinares*. Campinas: Editora da Unicamp, 2020, p. 153-182.
- Montserrat, Ruth; Barros, Cândida; Barbosa, Bartira. 2020. Um escrito Tupi do capitão Simão Soares Parayba (1645). *Corpus. Archivos virtuales de la alteridad americana*, v.10, n.2 , p. 1-16.
- Barros, Cândida; Montserrat, Ruth. 2021. Cartas de oferta de “quartel” em Tupi de lideranças potiguara (1645). *Cadernos de Linguística*, v. 2, p. 1-12.
- Montserrat, Ruth; Barros, Cândida; Ruiz Castellanos, António; Prudente, Gabriel. 2022. *O juízo final em um catecismo jesuítico setecentista em língua geral e latim. Uma proposta de edição*. (apresentado no Primer Congreso sobre Territorios, cultura y lenguas indígenas) <https://culturasamerindias-paleografia.blogspot.com/2022/06/programa-del-1-congreso.html>.

- Monserrat, Ruth; Barros, Cândida; Lacerda, Fernando. 2022. *Compondo versos em língua geral sobre o juízo final* (século XVIII, Amazônia) (apresentado no *Primer Congreso sobre Territorios, cultura y lenguas indígenas*) <https://culturasamerindias-paleografia.blogspot.com/2022/06/programa-del-1-congreso.html>.
- Barros, Cândida; Monserrat, Ruth. 2023. Fragmentos da negociação epistolar entre potiguaras no contexto da guerra luso-holandesa (1645): “xe nheenga” / “xe papera”? *Anthropos*, v. 118, p. 551-562.
- Lacerda, Fernando; Monserrat, Ruth; Barros, Cândida. 2024. “Imitando” Dies Irae em língua geral na letra e/ou na música?: Um documento da Amazônia, [175-]. *Fênix - Revista De História E Estudos Culturais*, 21(1), 441–453. <https://doi.org/10.35355/revistafenix.v21i1.1273>.
- Boidin, Capucine; Barros, Cândida & Monserrat, Ruth. 2024 « Tupi or not guarani ». Les Notre Père des XVIe-XVIIe siècles. Entre corpus brésilien et paraguayen. IN Fabien Simon. Le *Notre Père*, outil linguistique et objet de savoirs (XVIe-XIXe siècle) Dossier thématique *Histoire Epistémologie Langage*, vol. 46 n.1, <https://doi.org/10.4000/11y15>.
- Monserrat, Ruth; Barros, Cândida Barros. (no prelo). Comparação de traduções do Padre Nosso para língua Tupi no século XVI:” Oraison Dominicale en Sauvage” de André Thevet (1575/1586) e uma versão jesuítica (Anônimo, anterior 1591) In María Alejandra Regúnaga, y Christian Tauchner (eds.), *El Padrenuestro. Una mirada etnolingüística sobre sus traducciones a algunas lenguas indígenas de Latinoamérica*. Collectanea Institutii Anthropos, Baden-Baden: Nomos.

Referências bibliográficas

- Anônimo. [Ant.1591]. *Doutrina christã na lingua brasilica*. Manuscrito. Biblioteca da Universidade de Oxford.
- Anônimo. [175-^a]. *Doutrina christã em lingoa geral dos Indios do Estado do Brasil e Maranhão, composto pelo P. Philippe Bettendorff, traduzida em lingoa g[eral] irregular, e vulgar uzada nestes tempos*. Coimbra: Biblioteca da Universidade de Coimbra.
- Anônimo. [175-^b]. *Prosodia. Dicionario da língua falada por índios do Brasil*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa. no. 569.
- Anônimo. 1756. *Dicionário Português-Língua Geral e Língua Geral-Português*. Ms 1136/2048. Biblioteca Municipal de Trier.

- Araújo, Antônio de. 1952. *Catecismo na língua brasilica. Fac-símile da edição de 1618*. Rio de Janeiro: Olímpica.
- Araújo, Antônio de, e Bertholameu Leam. 1686. *Catecismo Brasilico da doutrina christã, com o ceremonial dos Sacramentos, & mais actos Parochiaes. Composto Por Padres Doutos da Companhia de Jesus, Aperfeiçoado, E dado a luz pelo Padre Antonio de Araujo da Mesma Companhia. Emendado nesta segunda impressão Pelo Bertholameu de Leam da mesma Companhia*. Lisboa: Officina Miguel Deslandes.
- Beraba, Maria et al. (orgs.). 2020. *França Antártica. Ensaios Interdisciplinares*. Campinas: Editora Unicamp.
- Boidin, Capucine. 2022. Au-delà des glossonymes Tupi et Guarani: comparer les Notre père des xvi^e–xvii^e siècles. Apresentado em Maio de 2022 no Simpósio «Le Notre Père, outil linguistique et objet de savoirs», organizado por Fabien Simon (Université Paris Cité/ICT).
- Léry, Jean de. [1578] 1961. *Viagem à terra do Brasil*. Tradução integral e nota de Sérgio Milliet, segundo a edição de Paul Gaffarel, com Colóquio na língua Brasília e notas Tupinológicas de Plínio Ayrosa. Biblioteca do Exército.
- Lussagnet, Suzanne (org.) 1953. *Les Français en Amérique pendant la deuxième moitié du XVI siècle [1]. Le Brésil et les Brésiliens*. Paris: Presses Univesitaires de France.
- Melatti, Júlio. 2016. *Áreas etnográficas da América Indígenas. Leste* (<https://www.juliomelatti.pro.br/areas/b2leste.pdf>)
- Monserrat, Ruth. 2010. *A língua do povo M'byky*. Campinas: Editora Curt Nimuendaju.
- Rodrigues, Aryon. 1958 *Phonologie der Tupinambá-Sprache*. Tese de Doutorado, Universität Hamburg.
- Simon, Fabien. 2024. Le Notre Père, outil linguistique et objet de savoirs (XVIe-XIXe siècle) Dossier thématique *Histoire Epistémologie Langage*, vol. 46 n.1.
- Thevet, André. 1575. *La Cosmographie Vniverselled'Andre Thevet cosmographe dv Roy. Illustree de Diverses figures des choses plus remarquables vevē par l'Auteur, & incogneuēs de noz Anciens & Modernes*. A Paris Chez Pierre l'Huillier, rue S.Jacques, à l'Olivier. 1575. Avec Privilege du Roy. tomo 2, 1575. <<https://www.digitale-sammlungen.de/en/view/bsb11198046>>